

ROMANTISMO DESVIANTE EM PROSA E VERSO

META

Apresentar textos em prosa e verso que fogem ao padrão romântico, destacando os autores e obras mais expressivas que marcam o final do Romantismo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
reconhecer obras que não se enquadram na estética romântica, mas que lhe são contemporâneas;
identificar a ironia usada por alguns autores para criticar a vida da cidade do Rio nos tempos do rei;
definir o romance de costumes.

PRÉ-REQUISITOS

Para um melhor entendimento da aula, faça uma leitura atenciosa das aulas 3 e 9. As informações lá expressas são importantes para a compreensão desta nossa aula.



Memórias de um Sargento de Milícia, continua a sendo representada de várias formas, em 2008 a obra deu origem a um especial na TV Globo, e Chico Zullo deu vida a obra através da HQ (Histórias em Quadrinhos) (Fonte: <http://flirck.com>, <http://revistadecinema.uol.com.br>).

INTRODUÇÃO



A simbólica do bem e do mal (Fonte: http://www.my_sweet_angel.blogger.com.br).

Oi, tudo em ordem? Vocês devem estar se perguntando o que significa romantismo ‘desviante’, certo? Usamos esse termo para identificar aqueles textos em prosa e verso, que fogem ao padrão romântico, isto é, daquilo que preponderava no nosso Romantismo. Bom, até agora, falamos sobre poemas e romances que apresentavam, uns mais outros menos, características românticas, isto é, que se enquadram na visão de mundo romântica – lembrem-se da clara divisão entre o bem e o mal (maniqueísmo)? e da linguagem rica de comparações e metáforas, a tal retórica romântica? Pois bem, agora vamos falar sobre um romance que foge a tudo isso e que tem sido um desafio para os críticos, porque ele, cronologicamente, se enquadra no Romantismo, mas não tem nada de romântico. Trata-se de *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), de Manuel Antonio de Almeida. Quanto aos versos, vamos comentar, aqui, alguns poemas de Álvares de Azevedo, poemas que fogem ao ultra romantismo, traço comum deste poeta e que são exemplos perfeitos da ironia romântica. O conhecimento completo de Álvares de Azevedo inclui esse seu lado irônico, além, é claro, do seu lado sofredor, intimista, o conhecido “mal do século”, que levou muitos poetas à morte, conforme vocês estudaram anteriormente.

OS DES(CAMINHOS) DO ROMANTISMO



A incompletude romântica (Fonte: <http://eueumesmosemirenes.zip.net>).

Agora que já está claro porque intitulamos esta aula de “Romantismo desviante” em prosa e verso, vale lembrar que, de fato, Manuel Antonio de Almeida e Álvares de Azevedo, respectivamente na prosa e na poesia, pegaram um “desvio”, ao comporem suas obras tão fora da estética romântica. Autor de um só romance, Almeida (para simplificar o nome) foi muito feliz na construção de sua obra, criando, verdadeiramente, uma obra prima, que ocupa um lugar importante na história da literatura brasileira.



Manuel Antonio de Almeida (Fonte: <http://www.passeiweb.com>).

Memórias de um sargento de milícia, também publicado primeiramente em folhetim no *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, apresenta as personagens, diálogos e enredo em flagrante contraste com o idealismo das construções aclamadas pela sociedade da época, o que talvez tenha contribuído para que essa obra não tenha se tornado popular. Só depois do Modernismo (1922) é que crítica e público valorizaram as peripécias do Leonardo, protagonista do romance. E, desde então, *Memórias de um sargento de milícia* tem público garantido e já foi mesmo encenado como peça de teatro. Dissemos que este romance representa um desafio para os críticos que não conseguiam “enquadrá-lo” em nenhum estilo. Muitos o consideraram um precursor do Realismo, o que não se sustenta pela data da publicação e pelo estilo da obra.



A obra (Fonte: <http://images.quebarato.com.br>).

A melhor leitura até hoje feita é, sem dúvida, a de Antonio Cândido (1978) que faz, em “Dialética da malandragem”, um estudo perfeito da obra. E, por isso, vamos aqui constantemente nos reportar às suas considerações. O autor começa seu estudo apontando para as várias classificações que o romance tem recebido através dos tempos. José Veríssimo, famoso crítico literário, o definiu como romance de costumes, precursor do Realismo. Mário de Andrade, nosso grande escritor do Modernismo, em 1941, negou que o romance fosse um precursor, mas sim uma narrativa de tipo marginal com personagens anti-heróicos. Em 1956, Darcy

Damasceno disse que se tratava simplesmente de um “romance de costumes”. De fato, temos aqui um romance de costumes do Rio de Janeiro, no tempo de D. João VI. Mas isso não diz tudo.

O importante e significativo é a maneira como esses costumes são narrados. A construção do livro está subordinada à lógica dos acontecimentos, que nos deixa a impressão de uma alegre sarabanda. O autor deseja contar como se vivia no Rio popularesco do tempo do rei: as famílias mal organizadas, os malandros, as procissões, as festas e a polícia. O livro se compõe de uma seqüência de situações, cuja unidade é garantida pelo personagem Leonardo. O movimento de sarabanda é, aliás, tão vivo, que os personagens valem na medida em que se agitam. Fora de cena, desaparecem. Eles interessam quando contribuem para os acontecimentos, estes sim é o que importa; são tipos sem profundidade psicológica. Por isso, o narrador os trata, muitas vezes, pela profissão, pela função que exercem na narrativa: “o compadre”, “a comadre”, “o Mestre de Cerimônias”, “os primos”, “a cigana”, “o fidalgo”, etc. A caracterização das personagens se mantém a mesma durante todo o romance. O tempo não atua sobre os tipos fixos, pois o que importa é o acontecimento. Admirável contador de histórias, Almeida tem uma prosa direta e simples, como a visão desencantada e imparcial que tinha da vida.

Vamos agora citar algumas palavras de Antonio Cândido (1978) que dão bem a medida da oscilação entre o bem e o mal, traço marcante dessa narrativa.

Vista deste ângulo (da ordem x desordem), a história de Leonardo Filho é a velha história do herói que passa por diversos riscos até alcançar a felicidade, mas expressa segundo uma constelação social peculiar, que a transforma em história do rapaz que oscila entre a ordem estabelecida e as condutas transgressivas, para finalmente integrar-se na primeira, depois de provido da experiência das outras. O cunho especial do livro consiste em certa ausência de juízo moral e na aceitação risonha do “homem como ele é”, mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e o da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal. (p. 94).

Leonardo, abandonado pelo pai e pela mãe, vive com o padrinho que lhe faz todas as vontades. Gosta de Luisinha, que acaba se casando com José Manuel e passa ele, então, a outros amores e à encantadora Vidinha, que forma com Luisinha um par absolutamente simétrico. Esta é a mocinha burguesa, própria para casar, portanto, está no plano da ordem; enquanto a outra, no plano da desordem, é a mulher que se pode apenas amar. É na fase dos amores com Vidinha que Leonardo se mete nas encrencas mais sérias e pitorescas. Mas o destino o reaproxima de Luisinha,

providencialmente viúva, com quem acaba se casando e tudo termina bem, recebendo ele a sua baixa de tropa de linha e a sua nomeação de Sargento de Milícias, tudo por conta dos interesses do Major Vidigal, maior autoridade dentro da narrativa. Para Antonio Cândido (1978) mais do que um personagem pitoresco, Vidigal encarna toda a ordem. A cena, em que as três velhas – a comadre, dona Maria e Maria Regalada – vão até o Major interceder por Leonardo, é muito cômica. O Major se mantinha firme na punição de Leonardo, mas não resistiu ao choro das três:

Quando mais influído estava o major, as três a um só tempo, e como de combinação, desataram a chorar... O major parou, encarou-as um instante: seu semblante foi-se visivelmente enternecendo, enrugando, e por fim desatou também a chorar de enternecido. Apenas as três se aperceberam deste triunfo carregaram sobre o inimigo. Foi uma algazarra, uma choradeira sem nome, capaz de mover as pedras. (p. 56).

Por ocasião desta visita das três senhoras, o Major aparece em trajes caseiros; muito aflito, vai ao quarto e volta vestido com a casaca do uniforme, mas com as calças domésticas e de tamancos. Essa mistura no trajar é significativa da convivência da ordem com a desordem, convivência esta que dá o sentido profundo do romance. Assim, também, é o padrinho, homem bom e honesto, que se arranjou na vida traindo a palavra de um moribundo. Roubou-lhe o ouro, que serviu para educar e prover Leonardo. Todas as personagens têm boas qualidades e também alguns pares de pecados na consciência. Para Antonio Cândido “as pessoas fazem coisas que poderiam ser qualificadas como reprováveis, mas fazem também outras dignas de louvor, que as compensam” (1978, p. 99) E como todos têm defeitos, ninguém merece censura. Temos, aqui, um mundo sem culpa, liberto do erro e do pecado, onde tudo se mistura. Estamos bem longe da repressora moral burguesa dos romances de Alencar, por exemplo, em que as personagens femininas sofrem a opressão da sociedade patriarcal. Antonio Cândido (1978) resolve o problema da relação dessas *Memórias* com o Romantismo:

O sentido profundo das *Memórias* está ligado ao fato delas não se enquadrarem em nenhuma das racionalizações ideológicas reinantes na literatura brasileira de então: indianismo, nacionalismo, grandeza do sofrimento, redenção pela dor, pompa de estilo, etc. Na sua estrutura mais íntima e na sua visão latente das coisas, elas exprimem a vasta acomodação geral que dissolve os extremos, tira o significado da lei e da ordem, manifesta a penetração recíproca dos grupos, das idéias, das atitudes mais díspares, criando uma espécie de terra-de-ninguém moral, onde a transgressão é apenas um matiz na

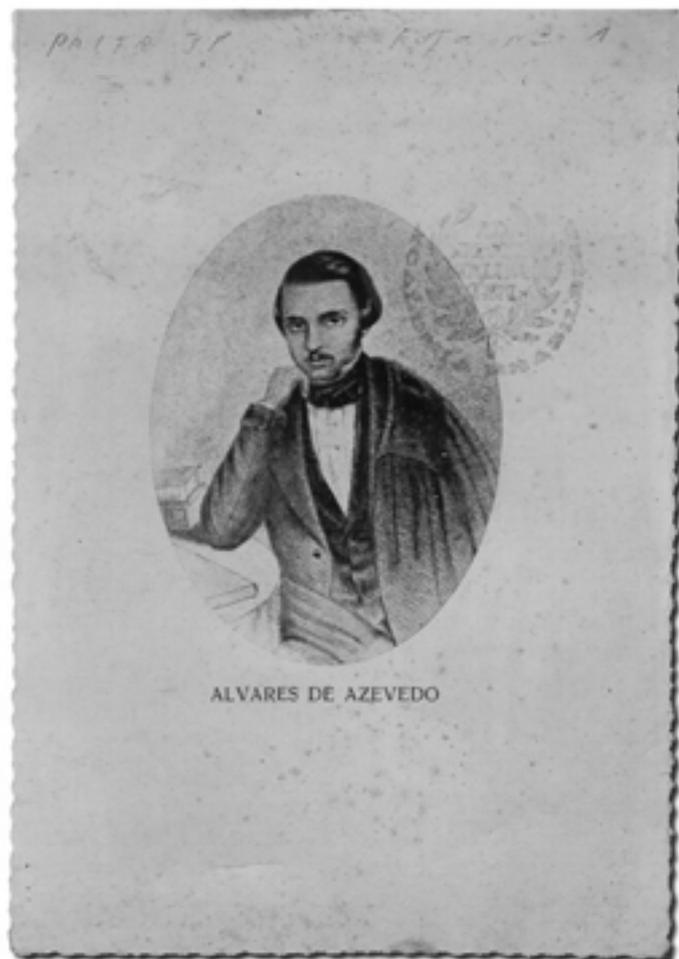
gama que vem da norma e vai ao crime. Tudo isso porque, não manifestando estas atitudes ideológicas, o livro de Manuel Antonio é talvez o único em nossa literatura do século 19 que não exprime uma visão de classe dominante. (p. 103).

Sua linguagem também foge à norma culta e são várias as expressões populares, como pôr “as mangas de fora”, sem contar as interferências constantes do narrador, num tom coloquial e brincalhão. Por exemplo: “digamos depressa e sem mais cerimônia”, “entretanto vamos satisfazer o leitor”. Essas interferências do narrador fazem lembrar o nosso Machado de Assis, pois se dirigem ao leitor de forma amigável. Com a diferença que, nestas *Memórias*, predomina o coloquial popular. Antonio Cândido (1978) defende que é no plano do estilo que se entende bem o desvinculamento das *Memórias* em relação à ideologia das classes dominantes do seu tempo, tão presente na retórica liberal e no estilo florido dos “beletristas”. “Trata-se de uma libertação, que funciona como se a neutralidade moral correspondesse a uma neutralidade social, misturando as pretensões das ideologias no balaio da irreverência popularesca” (p. 107).

Vamos, agora, falar sobre o herói da narrativa, que de herói não tem nada. Vocês estão lembrados dos heróis e heroínas românticos dos romances de Alencar, não estão? Pois comparem com a descrição que o narrador nos faz de Leonardo ao nascer. Vale a pena, antes, conhecer suas origens: Leonardo pai e a Maria da Hortaliça se conheceram no navio, em viagem para o Brasil e o nosso herói nasceu de uma “valente pisadela no pé direito”, a que a Maria respondeu com “um tremendo beliscão”. Estavam namorando e desse namoro nasceu Leonardo, “um formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito.” (ALMEIDA, 1984, p. 16). Seguramente, não é o retrato de um herói romântico. E a declaração de amor que pretende fazer a Luisinha prima pela comicidade. Depois de muita indecisão, ele consegue articular algumas perguntas que botam a Luisinha para correr e o nosso herói tem uma reação nada romântica; “Quando ela desapareceu, soltou o rapaz um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante”. (ALMEIDA, 1984, p. 43).

Antonio Cândido (1978) entende que as *Memórias* são um panorama documentário do Brasil Joanino; são antes a sua anatomia espectral, muito mais totalizadora, composta em tempo de *allegro vivace*. De fato, uma leitura atenta demonstra que a proposta de Almeida não era retratar, de forma documental, a sociedade do Rio no tempo do rei; o que fez foi expressar, com muito humor, a neutralidade moral daquela época, para não dizer, de toda nossa história. E o fez de forma alegre e atraente. Portanto, não deixem de ler as aventuras do nosso Leonardo e divirtam-se.

Já falamos sobre o ultra Romantismo de Álvares de Azevedo; agora nos resta comentar a outra face da sua poesia, a sarcástica e irreverente. Antonio Cândido (1997) considera que a sua lira humorística e satírica é complemento da sentimental: são as duas referidas faces da mesma me-



Álvares de Azevedo (Fonte: <http://www.academia.org.br>).

dalha. O poeta possui uma personalidade rica, complexa e sua obra é a expressão pura de seu tormento interior. Sentiu demais, escreveu sua obra dando vazão a uma descontrolada necessidade de expressão. Morto prematuramente, aos vinte anos, sua poesia revela o frescor da juventude e o cansaço da velhice. Amor e morte são temas freqüentes em sua obra romântica com pendores trágicos, em que o desejo pela amada jamais se realiza. Nos poemas satíricos, o amor também não se realiza, mas os obstáculos são outros. Vamos seguir a orientação de Antonio Cândido (1997) que confronta trechos da poesia amorosa e da poesia satírica. Na primeira, temos a virgem amada adormecida:

Quando à noite no leito perfumado
Lânguida fronte no sonhar reclinada,
No vapor da ilusão por que te orvalha
Pranto de amor as pálpebras divinas?

E quando eu te contemplo adormecida,
Solto o cabelo no suave leito,
Por que um suspiro tépido ressona
E desmaia suavíssimo em teu peito?

Freqüentemente, as amadas estão dormindo, o que as torna inatingíveis. Mas apesar de adormecida, a imagem é sensual, com fronte lânguida, cabelo solto e suspiro tépido. O amor sempre platônico, distante e o desejo sempre presente e irrealizado. Para Mario de Andrade, nesses poemas, o poeta exprime seu medo de amar. Mas na poesia satírica, o tom é outro:

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

Nos dois poemas, a amada dorme. Mas, enquanto no primeiro, o eu poético contempla, admirando, a beleza da amada, no segundo, a imagem da amada roncando, apesar de maviosa e pura, tem efeito devastador. No primeiro, o amor platônico; no segundo, o susto, o horror, não esquecendo o prosaísmo do ferro de engomar... Persiste a dificuldade de conciliar a idéia de amor com a de posse física. Antonio Cândido (1997) explica esta impossibilidade amorosa pelo fato de ele ser ainda adolescente, vivendo os efeitos da educação cristã, repressora da sexualidade. Diz o crítico:

Mas, virgem ou rameira, a mulher aparece na sua obra com a força obsessiva que tem na adolescência. Acabamos francamente cansados com a saturação dos adjetivos e imagens que a descrevem, no sono

ou na orgia, por um torneio de lugares comuns: seio palpitante, olhos lânguidos, morno suor, boca entreaberta, ais de amor, cabelos desfeitos; não falando da recorrência do substantivo *gozço* e do verbo *gozar*. Sentimos de repente a brusca necessidade de abrir Castro Alves e deixar entrar, nesta pesada atmosfera de desejo reprimido, o sopro largo e viril dos instintos realizados. (p. 254).

Na *Lira dos vinte anos*, seu famoso livro de poesias, a noite ocupa um lugar importante, para não dizer, principal. Diz Antonio Cândido (1997), sobre a presença poética da noite: “A noite significa não apenas enquadramento natural, mas meio psicológico, tonalidade afetiva correspondente às disposições do poeta, à sua concepção da vida e do amor, aos movimentos turvos do *eu* profundo.” (p.289). Essa é uma das muitas influências de Byron, poeta inglês, e Musset, francês, lidos vorazmente por Álvares de Azevedo. A ironia romântica é a responsável pelo grotesco de certas poesias, onde impera a comichidade, compondo com o lado trágico (amor e morte) a outra face da sua obra. Há um poema famoso, “É ela!”, de que já citamos duas estrofes em confronto com duas estrofes da poesia lírica, que vamos, aqui, registrar na íntegra para o conhecimento de vocês.

É ela! É ela! É ela!

É ela! É ela! – murmurei tremendo,
e o eco ao longe murmurou – é ela!
Eu a vi... minha fada aérea e pura –
a minha lavadeira na janela.

Dessas águas furtadas onde eu moro
eu a vejo estendendo no telhado
os vestidos de chita, as saias brancas;
eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso...
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava ali metido...

Oh! decerto...(pensei) é doce página
Onde a alma derramou gentis amores;
São versos dela...que amanhã decerto
Ela me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Otelo beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ela! É ela! – repeti tremendo;
Mas cantou neste instante uma coruja...
Abri cioso a página secreta...
Oh! meu Deus era um rol de roupa suja!

Conforme podemos observar, o eu poético toma coragem e vai ver de perto a amada, que ele costumava ver de longe (notem a presença da distância que impossibilita a realização do desejo). Ele ousa se aproximar dela enquanto ela dorme roncando. Aos poucos, o poema vai desfazendo qualquer possibilidade lírica. Notem a presença do ferro de engomar. Mas o eu poético rouba do seio da amada o que ele imagina ser um bilhete para ele e o beija tremendo de febre. O erotismo, nota muito freqüente nos poemas de Álvares de Azevedo, se faz aí presente nos beijos que dá no bilhete roubado do seio. Quando ele está quase seguro que esta é a amada dos seus sonhos, que lhe escreveu versos de amor, a coruja canta, desfazendo sua ilusão. Nada de versos de amor; apenas um rol de roupa suja. O desejo, como sempre, não se realiza, mas o grotesco da situação rouba-lhe qualquer sentido trágico. É a presença da ironia desconstruindo a postura lírica da outra face da moeda. A poesia noturna e abafada deste poeta se completa por um veio humorístico, como este poema, revelando um poeta de natureza contraditória e rica.

CONCLUSÃO

Concluindo, o Romantismo desviante, a propósito das *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antonio de Almeida e da poesia satírica de Álvares de Azevedo, foge ao padrão da estética romântica. De fato, o mundo sem culpa, presente nas *Memórias*, rompe com o maniqueísmo romântico, em que os heróis são exemplos de virtudes, enquanto os vilões são protótipos da maldade humana. Almeida, ao criar esse universo neutro, do ponto de vista moral, ficou deslocado dentro do processo literário brasileiro, vindo só recentemente, isto é, depois do Modernismo, a ser valorizado pelo público e pela crítica. A figura do Vidigal, representante da autoridade, dá bem a medida desta sociedade do vale tudo e que, de certa forma, já aponta para o Realismo. Não será isso que torna esta narrativa tão brasileira? Embora a ação se passe no tempo do rei, parece a representação atemporal da nossa realidade.

A poesia satírica de Álvares de Azevedo, muito menos estudada que sua poesia lírico amorosa, desconstrói o dado sentimental, criando uma situação grotesca e cômica. É sob este aspecto que ela representa um desvio do lirismo tipicamente romântico. Como apontou muito bem Antonio Cândido (1997) ao afirmar que a sua lira humorística e satírica é complemento da sentimental: são as duas referidas faces da mesma moeda. O que é uma prova evidente da complexidade da obra de Álvares de Azevedo.



RESUMO

Bem, nesta nossa última aula, falamos sobre Romantismo desviante, a propósito das *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antonio de Almeida e da poesia satírica de Álvares de Azevedo, que fogem ao padrão da estética romântica. Durante toda essa nossa ‘viagem’ em que estudamos a estética romântica falamos sobre poemas e romances que apresentavam, uns mais outros menos, características românticas, isto é, que se enquadram na visão de mundo romântica, tais como a clara divisão maniqueísta entre o bem e o mal, a linguagem rica de comparações e metáforas, etc. Pois bem, Manuel Antonio de Almeida apresenta de forma inovadora um romance que foge a tudo isso e que tem sido um desafio para os críticos, porque ele, cronologicamente, se enquadra no Ro-



Fim da viagem (Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>).

romantismo, mas não tem nada de romântico; o que contribuiu para que muitos críticos o entendessem como precursor do realismo; porém, essa dúvida já foi resolvida, não é mesmo? Quanto ao poeta Álvares de Azevedo, ele também diversifica na poesia, uma vez que traz a sátira e o cômico para expressar a mulher amada.

ATIVIDADES

1. Discuta com seu grupo sobre o Romantismo ‘desviante’, ressaltando os autores que verdadeiramente se enquadram nessa perspectiva.
2. Comente sobre a poesia ‘desviante’ (satírica) de Álvares de Azevedo



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O ‘Romantismo desviante’ refere-se, portanto, aqueles textos (em prosa e em verso) que fogem ao padrão romântico; seus maiores representantes são Manuel Antonio de Almeida e Álvares de Azevedo, respectivamente na prosa e na poesia, uma vez que pegaram um “desvio”, ao comporem suas obras tão fora da estética romântica, isto é, não têm nada de romântico. Autor de um só romance, Almeida (para simplificar o nome) foi muito feliz na construção de sua obra, criando, verdadeiramente, uma obra prima, que ocupa um lugar importante na história da literatura brasileira. “Memórias de um sargento de milícia”, também publicado primeiramente em folhetim no Correio Mercantil do Rio de Janeiro, apresenta as personagens, diálogos e enredo em flagrante contraste com o idealismo das construções aclamadas pela sociedade da época, o que talvez tenha contribuído para que essa obra não tenha se tornado popular. Sua linguagem também foge à norma culta e são várias as expressões populares, como pôr “as mangas de fora”, sem contar as interferências constantes do narrador, num tom coloquial e brincalhão. As Memórias são um panorama documentário do Brasil Joanino; são antes a sua anatomia espectral, muito mais totalizadora, composta em tempo de ‘allegro vivace’.

Certamente, você já está lembrando que o poeta Álvares de Azevedo possui uma personalidade rica, complexa e sua obra é a expressão pura de seu tormento interior. Sentiu demais, escreveu quase sempre dando vazão a uma descontrolada necessidade de expressão. Morto prematuramente, aos vinte anos, sua poesia revela o frescor da juventude e o cansaço da velhice. Amor e morte são temas freqüentes em sua obra romântica com pendoros trágicos, em que o desejo pela amada jamais se realiza. Na sua produção ‘desviante’, isto é, nos poemas satíricos, o amor também não se realiza, mas os obstáculos são outros.



AUTO-AVALIAÇÃO

Oi, agora é a vez de você avaliar o que aprendeu nesta aula, ok? Pense bem: *Você é capaz de reconhecer uma obra da estética romântica com características 'desviantes'?* Que nota (de 0 a 10) daria a si mesmo? Avalie-se!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. de. **Memórias de um sargento de milícias**. São Paulo: Ática, 1978.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: ALMEIDA, Manoel Antonio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978
- . **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- . **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Romantismo. Rio de Janeiro: Sul Americana, v. 2. 1986.